

(Sobre)vidas e memórias: contar, escrever, (re)viver

Julia Guzman
Edgar César Nolasco
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Brasil

Introdução

Estamos todos sujeitados ao jogo duplo de lembrar e esquecer. Na tentativa de reconstruir momentos vividos, o que nos assombra é uma falta, por termos apenas uma *impressão* (Derrida) do já vivido. O passado torna-se presente e presença no momento em que é narrado, o fato que *a priori* estava guardado, é retirável de sua situação de repouso e lançado para o momento do presente por meio da ação de narrar.

A memória subalterna é a mais adequada para se pensar nas memórias e esquecimentos de sujeitos que pensam uma memória outra e (sobre)vivem em um lócus geohistórico específico. A memória subalterna (Nolasco) busca escavar para que venha à tona o que durante anos foi excluído e silenciado pela história oficial, mas além de lembrar, esquecem-se traumas que não podem mais ser narrados.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor uma leitura da obra '*Si me permiten hablar...*' *testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia* (1999), transcrito e organizado pela brasileira Moema Viezzer por meio do conceito de memória. O aparato teórico que corrobora a escrita dessa proposta se encontra nos estudos de críticos como Jacques Derrida (2004; 2001), Elisabeth Roudinesco (2004), Adriana Amaral (2000), Maria José Coracini (2010) e Edgar César Nolasco (2013). Ademais, partindo do estado de Mato Grosso do Sul, leitura da obra é pensada a partir das sensibilidades biolocais do crítico e sua relação com a obra.

(Sobre)vidas e memórias: contar, escrever, (re)viver

And you standing there at the doorway crying
And me wondering if i'd ever be back
I said I didn't come here to leave you
I didn't come here to lose
I didn't come here believing
I would ever be away from you
I didn't come here to find out
There's a weakness in my faith
I was brought here by the power of love.
Fabian, *Love by grace*, s/p.

Como falar da memória do outro sem antes tornar narrativa minha própria memória? Tornar narrativa, pois segundo Adriana Amaral, “se por um lado a memória é o que está guardado, em repouso, por outro lado, ela é também retir vel e de fato retirada de seu repouso e tornada narrativa” (Amaral, p. 35). Amaral, na esteira de Derrida, afirma que o passado não existe, é apenas uma inven o:

E isso que se costuma chamar de passado, passa a ser presente quando a memória se torna narrativa no ato de lembrar e não mais guardar algo, sempre a partir e depois da inscri o, que será sempre promessa já a caminho do que está por vir. O que já aconteceu será sempre presente justamente atualizado através da memória tornada narrativa e o que está acontecendo pode-se apenas imaginar que no futuro será passado. E assim o tempo parece não se mover e se movendo, acompanhando um eterno presente que está sempre se fazendo. (Amaral, p. 32)

O passado torna-se narrativa no momento em que essa memória vem à tona, no ato de lembrar e também de esquecer. A autora Damaris Pereira Santana Lima, em seu livro *O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos* (2017), pontua que deve haver um

equilíbrio entre o ato de lembrar e o de esquecer. Neste sentido, Lima afirma que “é necessário saber lembrar e saber esquecer, não é a quantidade do que se lembra ou do que se esquece que faz construir uma boa memória, mas a qualidade do que se lembra ou se esquece”. (Lima, p. 101)

Tento tornar narrativa uma memória eminentemente constituída pela falta, minha memória me prega uma peça no momento em que mais necessito dela para escrever-me nas linhas deste texto. Escrever-me, pois não é apenas escrever, mas “escrever, viver e se ver” (Evaristo, s/p) durante minha (re)escrita de vida. Sobre o conceito de escrevivência, aqui me valho de Conceição Evaristo, que em entrevista para o jornal Nexo afirma que:

A escrevivência seria escrever a escrita dessa vivência de mulher negra na sociedade brasileira. Eu acho muito difícil a subjetividade de qualquer escritor ou escritora não contaminar sua escrita. De certa forma, todos fazem uma escrevivência, a partir da escolha temática, do vocabulário que se usa, do enredo a partir de suas vivências e opções. A minha escrevivência e a escrevivência de autoria de mulheres negras se dá contaminada pela nossa condição de mulher negra na sociedade brasileira. Toda minha escrita é contaminada por essa condição. É isso que formata e sustenta o que estou chamando de escrevivência. (Evaristo, s/p)

Se a escrevivência de Conceição Evaristo se dá a partir de sua condição de mulher negra, que escreve diante sua condição de corpo negro na sociedade brasileira, a minha escrevivência e de tantos outros corpos fronteiriços é tecida com nossos corpos *atravessados* (Anzaldúa), corpos que sentem, sofrem e que se (re)inscrevem durante minha/nossas escritas. Apesar de não estar na condição de corpo negro, me apego à afirmação da escritora mineira, como já supracitado, de que “De certa forma todos fazem uma escrevivência a partir da escolha temática, do vocabulário que usa, do enredo a partir de suas vivências e opções” (Evaristo,s/p.). Como salientado por Evaristo, toda escrita é

contaminada com a subjetividade, vivências e escolhas de quem a escreve, assim todos realizam escrevivências

Somente aos quatro anos de idade tive contato com meu pai, e junto a essa experiência/herança paterna minha vida (re)começou. “A começar pela palavra vida. Seria preciso pensar a vida a partir da herança, e não ao contrário” (Derrida; Roudinesco, p. 13) como nos afirma Derrida. Do meu pai herdei o nome, logo ao nascer, e o sobrenome, que me foi acrescentado após esse novo encontro. Da mesma maneira que ganhei, perdi, perdi minha mãe biológica pouco tempo depois de ganhar meu pai.

A epígrafe que trago neste subtítulo é o trecho da música *Love by grave*, da cantora Lara Fabian, sucesso no ano 2000, mesmo ano de morte de minha mãe. Com seis anos de idade não entendia o que a música dizia, mas sabia que de alguma maneira algo me conectava a ela. A cantora em visita ao Brasil doou os direitos e arrecadações da canção para o Instituto Nacional do Câncer. Por coincidência, perdi minha mãe para o câncer, uma doença que atravessa minha família, em que sou eu mesma uma possível herdeira deste mal. Como o eu lírico da canção que diz “ e você parado ali na soleira da porta, chorando. E eu imaginando se eu voltaria,”(Fabian, s/p)¹ recordo-me de estar na porta da cozinha vendo minha mãe entrar dentro do carro a caminho do hospital e nunca mais retornar. Assim como eu, Domitila Chungara também sofreu o mal da perda materna ainda na infância:

Pero tuvimos la tan mala suerte que mi madre se enfermó a causa de todas esas cosas que nos ocurrían. Y al mismo tiempo estaba dando la luz a otra chiquita. Y mi madre se murió dejando a cinco huerfanitas, siendo yo la primera. (Viezzer, p. 51)

¹ “And you standing there at the doorway crying. And me wondering if i’d ever be back.” (Tradução livre).

Minha mãe, morreu deixando três filhos, sendo eu a última. As memórias de Domitila Chungara e as minhas ora se aproximam, ora se distanciam, e assim vai sendo tecida minha/nossa narrativa, na tentativa de suprir nossas faltas. Se Miliene tornou-se um espectro em minha vida, ao ir morar com meu pai ganhei uma mãe, entre múltiplas possibilidades, assim como uma amizade política, Ieda e eu nos escolhemos como mãe/filha/amigas. Trago a passagem a seguir para salientar o entrelaçamento de vidas entre eu e Domitila:

Fue entonces que mi papá sintió la necesidad de casarse otra vez. Yo traté de ganarme la simpatía de ella, porque necesitaba de una madre. Tan temprano había perdido la mía... Necesitaba de alguien que me comprenda, me anime, me acaricie, me agarre de la mano. (Viezzer, p. 62)

Todo o amor, carinho e aconchego que Domitila buscava em uma mãe eu pude desfrutar por meio de minha madrasta. Desfrutei/desfruto do amor materno que minha mãe biológica nunca me deu em vida. Ao contrário de mim, a boliviana teve que aprender a conviver com a indiferença de sua madrasta:

Pero, no sé por qué... la madrasta no simpatizó con nosotras. Especialmente con mis hermanas. Un día la pesqué pegándole a mi hermanita y empezamos a discutir. Y desde entonces ella comenzó a quitarnos la comida. Cocinaba en una olla pequeña y de allí servía a mi papá, a ella y a sus hijos. Y de lo que sobraba nos servía a nosotros. Le echaba mote** y nos hacía comer eso. Nada más. (Viezzer, p. 63)

Por meio de uma lacuna sempre faltosa, vou preenchendo minhas/nossas memórias com verdades por mim inventadas na tentativa de completar minha escrevivência com a desculpa de escrever sobre o testemunho/vida de Domitila. “Por essa razão, a memória será sempre incompleta, sempre faltosa, de certa maneira sempre verdadeira e, ao mesmo tempo, mentirosa.” (Coracini, p.130)

Coloquei Domitila Chungara como a arconte que guardava os arquivos e as memórias de seu povo, mas que, ao contrário de Derrida, não abria um arquivo grego, antes ela desenterrava/escavava a fim de vir à tona os arquivos de histórias e memórias latinas que foram soterradas pelas memórias modernas. A memória, como também o arquivo, faz-me retornar ao passado, a origem e ao desejo de completar a mim mesma e a vida de Domitila.

Essa escavação “busca do tempo perdido no passado e que gostaríamos, de forma consciente ou não, de resgatar. Trata-se de conjuntos complexos de traços” (Coracini, p. 130), que minha amiga espectral e eu tentamos resgatar: “Nesse sentido, a memória remete a *arkhité* – raiz do termo arquivo –, arcaico e arqueológico, lembrança ou escavação. [...] que vão se complexificando com o tempo, mas que não se apagam jamais.” (Coracini, p. 130)

As memórias de Domitila me perseguem como uma figura fantasmática desde o ano de 2018, quando conheci seu testemunho/vida. Ao conhecê-la, acendeu em mim o desejo de levá-la para o *por vir*; ao não desaparecimento de suas/nossas memórias e arquivos. Meus arquivos e minhas memórias são construídos atravessados por espectros e, dentre os muitos que me acompanham, Domitila corrobora a construção dos meus. Acerca dessa relação espectral, Maria José Coracini, em seu texto “A memória em Derrida” afirma que:

Tanto na figura do espectro quanto na ideia de arquivo, há o desejo de permanência, de eternização, de infinitude. O espectro retorna ou permanece no, para, com o outro, como uma sombra fantasmática A per-seguir o caminho desse outro – desejante ou não. O arquivo resulta do investimento de um trabalho sedutor, remédio para o tão temido desaparecimento da memória. (Coracini, p. 132)

Do testemunho, texto, tessitura, “que garante a sobre-vida daquele que, vivo, nos presenteia(va), sem cessar, com textos que produze(ia)m outros e outros mais, mas, que morto, continua vivo” (Coracini , p. 126), que Domitila me/nos deixou, procuro por meio da leitura de seu testemunho preencher um vazio do arquivo do povo boliviano mineiro. Há, portanto, um tecer de memórias que se misturam, distanciam e se complementam. *Si me permiten hablar* me elucida:

Es bastante escasa la documentación escrita a partir de experiencias vividas por la gente del pueblo. En este sentido, este relato puede llenar un vacío y constituir un instrumento de reflexión y orientación, útil a otras mujeres y hombres entregados a la causa del pueblo en Bolivia y en otros países, particularmente de América Latina. (Viezzler, p. 02)

Diante essa herança, desse testemunho, que herdei de Domitila, me pergunto todos os dias o que estou/vou fazer com ela? Mantê-la na sobrevida é minha única alternativa, “não apenas aceitar essa herança, mas relança-la de outra maneira e mantê-la viva,” (Derrida; Roudinesco, p. 12) como afirma Derrida. Como herdeira dessas memórias da boliviana, sou duplamente responsável:

É-se responsável perante aquilo que vem antes de si, mas também perante o que está por vir, e, portanto, também perante a si mesmo. Perante duas vezes, perante o que deve de uma vez por todas, o herdeiro está duplamente endividado. (Derrida; Roudinesco, p. 14)

Não escolhi o testemunho/vida de Domitila como herança, mas ela me escolheu primeiro “não escolhê-la (pois o que caracteriza a herança é primeiramente que não é escolhida, sendo ela que nos elege violentamente), mas escolher preservá-la viva” (Derrida; Roudinesco, p. 12). Escolhi (des) arquivar suas memórias e mantê-las vivas para evitar uma

condenação de morte de suas experiências. Manter vivo o testemunho/vida de Chungara é cooperar para que sua luta não seja esquecida:

No, yo soy consecuente, yo no hago las cosas por personas ni por caer bien a nadie, sino porque tengo una convicción, una conciencia y porque me he trazado un camino. Y desde chica eso me ha enseñado a ser una cosa real, a estar convencida de algo y meterle el hombro a eso sin doblegar. Yo estoy convencida de que es necesario colaborar a la liberación del pueblo y que, para eso, hay que sufrir. (Viezzler, p. 197)

Eu como sujeito herdeiro me torno responsável por “responder de”, “responder a” e “responder em nome” de Domitila. Responsável por um rastro deixado por ela, por suas memórias e é no reafirmar essa herança que não a deixo morrer. A ausência de Domitila se torna presença em minha fala, em minha escrita, ela sobrevive em mim, independentemente de sua presença física, pois sua presença vem à tona no momento em que a evoco. Adriana Amaral, mais uma vez, me ajuda nesse sentido afirmando que “essa capacidade de atravessar contextos da escritura é que a faz presença feita na ausência, onde a ausência na verdade se funde na presença em um presente que se faz a cada novo instante, a cada novo contexto” (Amaral, p. 34). Não só a presença do ausente é lembrada, mas a presença de quem está tecendo as escrituras.

Não só a escrita e/ou o registro de Domitila são necessários; “a ideia do outro também passa a ser incorporada em nós. O nome e a memória (e também a escritura) são responsáveis pela presença desse outro em nós” (Amaral, p. 35). Ao aceitar ouvir seu registro de memórias, tornei-me também a arconte responsável por escrever as experiências de alguém que sofreu na própria carne as derrotas e os triunfos de seu povo:

La escuela donde se ha forjado Domitila es la vida del pueblo. En el monótono y duro trabajo cotidiano de ama de casa de las minas descubrió cómo el trabajador no es el único explotado, ya que, por efecto del sistema, lo son también ella y su familia. Esto la motivó

a participar activamente en la lucha organizada de la clase trabajadora. Junto con sus compañeras, vive en carne propia las derrotas y triunfos de su pueblo. Y a partir de eso interpreta la realidad. Todo lo que comenta es vida y proyección. (Viezzer, p. 02-03)

Conhecer a vida de Domitila me fez voltar às minhas origens. Deixo-me escrever-me, levada pelo sangue fronteiriço que corre em meu corpo; me tornei desde então essa menina-fronteira (Nolasco), na qual levo em meu corpo sangue brasileiro e boliviano, capaz de pensar a partir dessas sensibilidades locais. Assim nasce meu “inventário dos mortos, meus espectros, meu espelho” (Mariconi, p. 48), Domitila para mim é minha amiga espectral mais próxima, pois ela representa esses outros espectros que constituem meu corpo fronteiriço. Atravessada pelo testemunho de Domitila e pelo sangue brasileiro materno e boliviano paterno que levo entendi minha incessante preocupação com um povo, uma cultura e uma língua que a princípio não me era própria.

Como não me colocar como parte também do lado de lá da fronteira, uma vez que sou constituída de experiências e memórias pertencentes para além dos limites impostos na fronteira? Minha/nossa memória é a memória do subalterno, e esta memória é a mais adequada para se pensar nas memórias e nos esquecimentos de todos que vivem na margem, que pensam uma memória outra e convivem com experiências de um *locus* geostórico específico, são os ex-cêntricos (Nolasco), os que carregam em seus próprios corpos memórias detentoras de saber.

Memórias em(cobertas): ainda sobre memória

As memórias subalternas não nascem, nem morrem;
elas sobrevivem.

Nolasco, *Perto do coração selvaje da crítica fronteira*, p. 140.

Nós, da fronteira-Sul, estamos rodeados de histórias e memórias da margem. No texto “Memórias subalternas latinas”, Edgar César Nolasco, ao discutir acerca das memórias e das histórias desses sujeitos subalternos, contribui para exumar essas memórias arquivadas. Nolasco, em seu texto, afirma que “não é demais lembrar que lugares *fronterizos* também produzem memórias outras e cuja epistemologia *fronteriza* para compreendê-las advém de seu próprio lócus *ex-cêntrico*” (Nolasco, , p. 135-136).

Como pus na epígrafe que começa este subtítulo, as memórias subalternas sobrevivem de memórias soterradas, excluídas e silenciadas. São narrativas que só aquele que con(vive) nesse lócus carrega a marca fronteira inscrita em seus corpos. Esse movimento de inscrição rompe com as memórias cristalizadas que tomam a memória subalterna “como meros objetos, ao invés de tomá-las como produtoras de saber e de histórias vividas” (Nolasco, p. 138). Domitila em suas memórias narra acontecimentos históricos ignorados no âmbito universal, como, por exemplo o regime ditatorial que a Bolívia vivenciou nos governos de René Barrientos (1966) e Hugo Banzer em 1971, que tiveram como consequências crises sociais e econômicas em todo o país:

El año de 74 terminó de una manera muy especial. El 9 de noviembre de aquel año salió un decreto donde el gobierno de Bánzer se decretaba dictador, anulando todos los partidos políticos, todos los sindicatos, desconociendo a toda institución gremial e incluso, declarando que no va a llamar a elecciones hasta el 1980. Así que, toda la ley nacional, la ha anulado él de un plumazo, no? E inmediatamente, similar a eso, ha establecido la ley

del servicio civil obligatorio para todos los ciudadanos. (Viezza, p. 199)

A história local narrada por Domitila mostra a versão do povo que sofreu as consequências do governo dos ditadores e como estes subiram ao poder. Domitila Chungara diz “El general Bánzer no ha llegado al gobierno por voluntad del pueblo, sino que llegó por la fuerza, ametrallando las universidades, matando y apresando a un montón de gente”(Viezza, p. 199). A violência daquele governo iniciou-se no momento de sua subida ao poder. A história de Domitila é tecida de memórias desvinculadas da tradição, vai na contrapartida da memória do relato oficial:

As memórias e as histórias desses sujeitos subalternos [...] sem dúvida começaram com aquelas histórias e memórias locais (latinas) que foram sequestradas pelas histórias/memórias que sustentam todo o sistema colonial moderno, pelo menos desde o século XVI. (Nolasco, p. 142)

Se até então as memórias subalternas foram encobertas pelas modernas e seu valor cultural ignorado, esse estudo crítico proposto por Nolasco permite trazer à tona a importância cultural da sensibilidade e da memória de nós sujeitos subalternos no panorama moderno. Nossas memórias lutam por uma sobrevivência na sobrevivida “temem e lutam com o espectro da memória hospedeira, vinda do outro lado do atlântico, que nunca as deixa, assombrando-as mesmo que de forma fantasmática.” (Nolasco, p. 158). Para oferecer tal memória hospedeira:

é preciso partir da existência segura de uma morada ou apenas a partir do deslocamento do sem-abrigo, do sem-teto, que pode se abrir para a autenticidade da hospitalidade? Talvez apenas aquele que suporta a experiência da privação da casa pode oferecer a hospitalidade. (Dufourmantelle *apud* Derrida, 2003, p. 54)

Desta maneira, nós abrimos mão de abrigar/hospedar memórias e tradições modernas. Sobrevivemos da própria condição constitutiva de um corpo fronteiriço. Essa sobrevida, de acordo com Derrida em entrevista, dois meses antes de sua morte, é “não acrescentar ao fato de viver ou de morrer. Ela é originária: a vida é sobrevida. Sobreviver no sentido corrente quer dizer continuar a viver, mas também viver depois da morte”(Derrida, 2004, p. 14). Meu corpo fronteiriço tudo sente, eu vivo, penso, escrevo e me inscrevo com esse corpo que sobrevive a cada dia e que também luta contra o espectro da memória hospedeira:

posso concluir que todas as famílias, todos os povos, todos os lugares, todas as fronteiras, inventam suas memórias de vida, suas memórias de morte, suas memórias de *sobrevida*. As memórias da fronteira sobrevivem à sua própria condição. De seus restos, constroem um sentido possível para o que estou chamando de fronteira e de memórias e histórias subalternas. (Nolasco, p.142)

Penso, escrevo e sinto da/na fronteira, em um lugar de condição epistemológica *outra*, bem como nossas memórias desvinculadas ao panorama moderno. A memória de uma mineira, de um camponês sempre foi ignorada, o conhecimento advindo destes registros sempre foi encoberto e desnecessário, mas para Domitila e eu são estas as memórias que necessitam ser (des)arquivadas para a construção de uma narrativa que exuma epistemologias do locus geostórico que habitamos.

© Julia Guzman e Edgar César Nolasco

Referências

- Amaral, Adriana. “Sobre a memória em Jacques Derrida”. In: Nascimento, Evandro & Grenadel, Paula. *Em torno de Jacques Derrida*. 7letras, 2000, p. 31-43.
- Coracini, Maria José R. F. “A memória em Derrida”. In: *Cadernos de estudos culturais: crítica biográfica*. Campo Grande, Vol. 2. n. 4, jul/Dez de 2010, p. 125-136.
- Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*; tradução, Cláudia de Moraes Rego. Relume Dumaré, 2001.
- . “Estou em guerra contra mim mesmo”. In: *Margens/Márgenes*. Revista de cultura, n. 5, jul/dez de 2004a, p. 12-17.
- Derrida, Jacques; Roudinesco, Elisabeth. “Escolher a herança”. In: *De que amanhã... diálogo*. Jorge Zahar, 2004, p. 9.31.
- Fabian, Laura. “Love by grace”. Gravadora: Epic Records, 2000.
<https://www.youtube.com/watch?v=je4XON86sMc> Acesso em 15.09.2019.
- Lima, Damaris Pereira Santana. *O intelectual exilado em Augusto Roa Bastos*. Pontes Editores, 2017.
- Lima, Juliana Domingues de. Conceição Evaristo: ‘minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra’. *Nexo*. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em 20.01.2020
- Moriconi, Italo. “O espectro de Foucault”. In: *Margens/Márgenes*. Revista de cultura, n. 6/7, jan/dez de 2005, p. 46-57.
- Nolasco, Edgar César. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. Pedro & João Editores, 2013.
- Viezzler, Moema. “*Si me permiten hablar...*” *testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia*. Siglo Veintiuno editores, 1999.